



PRECONCEITO LINGUÍSTICO E VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NO CONTEXTO ESCOLAR: ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DE PARINTINS /AM¹

LINGUISTIC PREJUDICE AND LINGUISTIC VARIATIONS IN THE SCHOOL CONTEXT: CASE STUDY IN AN ELEMENTARY SCHOOL IN THE MUNICIPALITY OF PARINTINS /AM

Hellen Cristina Picanço Simas²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9637-6587>

E-mail: hellenpicanco@ufam.edu.br

Amanda da Silva Pontes³

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6352-5146>

E-mail: pontesamanda01@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a questão do preconceito linguístico, variação linguística e qual a percepção e preocupação que o professor de Língua Portuguesa e os alunos de Ensino Fundamental de uma escola pública do Município de Parintins/AM possuem em relação ao assunto em questão. Tal inquietação surgiu ao notar-se que, no ensino da disciplina de Língua Portuguesa nos anos iniciais do ensino fundamental, o enfoque principal é o ensino tradicionalista, desprezando-se, assim, as variedades linguísticas do português. A partir desse fato surgiu a pergunta que deu norte a essa pesquisa: Os docentes que lecionam a matéria de Língua Portuguesa nos anos iniciais do ensino fundamental tratam do preconceito linguístico, mostrando a norma padrão e variedades linguísticas? Para responder a esta questão, realizou-se pesquisa de campo, utilizando dos instrumentos de coleta de dados: observação, roda de conversa e entrevista. O resultado da pesquisa aponta que não há por parte dos professores preocupação em fazer a desconstrução do preconceito linguístico e, assim, explicar suas várias facetas, nem dão visibilidade as inúmeras variações linguísticas do país.

Palavras chave: preconceito linguístico; professor; aluno; escola; norma padrão

Abstract

The present work aims to analyze the issue of linguistic prejudice, linguistic variation and the perception and concern that the Portuguese language teacher and elementary school students at a public school in the city of Parintins/AM have in relation to the subject in question. . This concern arose when it was noted that, in the teaching of the Portuguese language subject in the initial years of elementary school, the main focus is traditionalist teaching, thus disregarding the linguistic varieties of Portuguese. From this fact, the question that guided this research arose: Do teachers who teach Portuguese language in the early years of elementary school deal with linguistic prejudice, showing the standard norm and linguistic varieties? To answer this question, field research was carried out, using data collection instruments: observation, conversation circle and interview. The results of the research indicate that

¹ A pesquisa teve apoio da Fundação de Amparo à pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM, por meio da bolsa produtividade edital 013/2022.

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora Associada da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

³ Pedagoga pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

there is no concern on the part of teachers to deconstruct linguistic prejudice and, thus, explain its various facets, nor do they give visibility to the country's countless linguistic variations.

Keyword: linguistic prejudice; teacher; student; school; standard norm

INTRODUÇÃO

Desde o período colonial, a Língua Portuguesa era imposta às camadas populares da época, como suprassumo do genocídio cultural (MARIANI, 2004). Entretanto, apesar das tentativas de unificar a língua no Brasil, ainda há um grande legado dessa grande diversidade cultural e linguística dos nossos povos. Porém esta diversidade pouco é trabalhada em sala de aula, inclusive, muitas vezes as falas são ridicularizadas e as pessoas que falam variação distinta da norma-padrão sofrem preconceito linguístico.

Uma das autoras, por exemplo, durante toda a formação escolar, enquanto estudante da rede pública de ensino passou por situações constrangedoras devido a forma de falar, pois era diferente da fala dos falantes da cidade devido falar a variação linguística da zona rural. Esta experiência mostrou que, no contexto escolar, o ensino é pautado na norma padrão, sempre com foco voltado na repetição do “português correto”, no “português do bom uso” e tudo que foge desta é considerada “errada, engraçada”, ocasionando, assim, o preconceito linguístico. Tal experiência em sala de aula implicou em um tolhimento dela e de outros colegas que também passaram pela mesma situação de preconceito linguístico dentro e fora da escola. Por isso, se sentiram retraídos quando falavam em público ou quando apresentavam oralmente os trabalhos escolares, por isso, entende-se que combater qualquer tipo de preconceito e discriminação deve ser uma das principais funções das instituições educacionais.

No decorrer dos anos já na Universidade, no primeiro período de Pedagogia na disciplina de Língua Portuguesa I, a professora Quézia Maria nos entregou um livro de Marcos Bagno “A Língua de Eulália” para observamos a história de Eulália, e quando uma das autoras leu o livro passou um filme na cabeça dela, lembrando dos momentos constrangedores que viveu e, desde então, sentiu curiosidade em saber se algo havia mudado em relação ao preconceito linguístico em sala de aula e, então, a partir daquele momento decidiu por pesquisar como trabalho de conclusão de curso o referido assunto.

Ponciano (2014) acredita que as variações linguísticas possibilitam aos alunos se sentirem realizados diante de cada momento que aprendem algum conteúdo novo, instigando a sua sede de conhecimento, possibilitando-o rever seus próprios conceitos diante da sua concepção de mundo, quebrando preconceitos e convivendo com as diferenças. Por isso a relevância de estudos voltados à diversidade linguística, evidencia o tema em contextos amazônicos, no qual existe uma diversidade linguística.

Diante disso, este trabalho elegeu a seguinte problemática para investigar: Os docentes que lecionam a matéria de Língua Portuguesa nos anos iniciais do ensino fundamental tratam do preconceito linguístico, mostrando a norma padrão e variedades linguísticas?

Tal investigação se justifica porque entendemos que é preciso que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português brasileiro e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística o nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades sem prestígio social: “Se faz necessário ajudar na conscientização dos alunos, oferecendo uma educação para todos de modo que as pessoas conheçam bem a língua formal, escrita ou falada, mas também trabalhando conteúdos voltados as realidades linguísticas diversas”. (BAGNO, 2013, p.32).

Portanto, pretende-se com esta pesquisa contribuir na construção de reflexões e discussões sobre o preconceito linguístico e as variações linguísticas no âmbito escolar, em uma

escola de ensino fundamental anos iniciais, em Parintins-AM, bem como apresentar estratégias, ideias que combatam este tipo de preconceito, na perspectiva de suscitar experiências interessantes e significativas na construção de uma sociedade mais humana. Por isso, a seguir apresentamos a metodologia desta pesquisa, depois discussão sobre variação linguística, norma padrão, estratégias pedagógicas frente ao ensino e, por fim, os resultados e discussões das entrevistas realizadas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa elegeu a abordagem qualitativa e se desenvolveu em campo por meio de um estudo de caso, que possibilitou o contato direto com o ambiente e os sujeitos da pesquisa, a descrição do objeto de estudo e a análise crítica dos dados produzidos no processo de investigação. Para Goldengerg (2000, p. 53), “Os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos.”

O enfoque epistemológico respalda-se nos pressupostos da Sociolinguística com a pretensão de discutir concepções, experiências, práticas pedagógicas e os processos sócio-históricos das variações linguísticas do nosso país, com base em Bagno (2006). Este estudo tem o interesse de levantar questionamentos, discussões e possíveis soluções no campo do preconceito linguístico em uma escola de ensino fundamental, trazendo os impactos causados nas vidas dos alunos, junto as contradições, omissões ou até mesmo práticas transformadoras que trabalhem a temática.

A pesquisa foi realizada em 01 turma, de uma escola pública do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Parintins/AM, área urbana. A escolha da instituição se justifica, a partir de um mapeamento das escolas do município, juntamente com a aproximação da realidade das escolas, ou seja, a escola escolhida abrange alunos de diversas localidades da cidade, que vão desde os bairros mais populares, aos menos conhecidos cujos alunos são oriundos da Zona Urbana e da Zona Rural do Município de Parintins-AM.

Os sujeitos da pesquisa são 28 (vinte e oito) alunos do 3º ano do ensino fundamental e 1 (uma) professora de Língua Portuguesa. A escolha dos alunos participantes da pesquisa se deu pelo fato de estarem na fase em que seus conhecimentos gramaticais ainda não estão construídos completamente. A escolha da professora se deu pelo fato de que, nos anos iniciais do ensino fundamental, há apenas um professor para lecionar todas as matérias, logo a professora de Português já acompanhava os alunos selecionados para a pesquisa, achamos pertinente que ela participasse da pesquisa.

Para a coleta de dados, optamos pelos seguintes instrumentos de pesquisa: *Observação participante* – foi utilizado por contribuir nas pesquisas, proporcionando uma visão ampla e detalhada de uma realidade, resultante da interação do pesquisador com o meio, podendo servir de base para o planejamento de estratégias para o desenvolvimento da temática em estudo. Nesta etapa, observou-se a organização do ambiente escolar, juntamente com todos os aspectos que causam dúvidas dentro da temática levantada. As observações em campo acontecerão três vezes no decorrer da semana, no turno matutino, observando as aulas do 3º, no âmbito escolar. Fez-se necessário nessa perspectiva da observação participante a presença do *caderno de campo do (a) pesquisador (a)*, para anotações e registros das respectivas observações e participações em sala de aula por meio de fotos, vídeos digitais da sala de aula, gravações de áudio. A pesquisadora, com autorização do responsável pela instituição, se fez presente dentro da escola para obter o material para seu trabalho.

O período de observação ocorreu em três (3) dias durante as aulas de Língua Portuguesa, quantidade suficiente para constatar traços de oralidade dos alunos e professora. Para Lakatos (2010, p.173):

A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar os fatos ou fenômenos que se deseja estudar. (Lakatos 2010, p.173):

Durante as aulas, o que chamou atenção foram os apontamentos de alunos feito pela professora, para a realização de leituras, fato que gerou inquietação entre os alunos, pois percebemos que alguns tinham medo de ler na frente da turma.

Também utilizamos o instrumento *Roda de conversa com o professor (a) e estudantes* – por meio de diálogos, reflexões e esclarecimentos sobre o tema, para identificar a percepção dos alunos e professor sobre o assunto, e como lidam com questão no cotidiano escolar e em suas vidas.

Com o intuito de trocar ideias, conversar, ouvir experiências, observar a oralidade e saber qual era a percepção dos alunos e da professora sobre o tema abordado, após o recreio, a pesquisadora pedia permissão da educadora para fazer sempre algo relacionada a pesquisa. Então pegamos somente nossas cadeiras e formamos um círculo. Começava nossa conversa com boas-vindas, a pesquisadora se apresentava novamente e falava que estava fazendo uma pesquisa para a faculdade e precisava da ajuda deles para realizá-la.

Após esse momento, realizava uma pergunta para todos: Vocês sabem o que é preconceito linguístico? E por incrível que pareça, nenhum aluno soube responder, a partir desse momento a pesquisadora citou o autor Marcos Bagno e uma citação dele. Dessa citação, com palavras mais simples começou a explicar sobre assunto em questão, e após a explicação, eles começaram a entender o assunto e começaram a dizer que sempre tem um adulto corrigindo a fala deles e tem alguns colegas que dão risadas. Surgiram muitos relatos dos alunos a partir do momento que entenderam como ocorre o preconceito linguístico.

No segundo momento, os alunos foram levados até a biblioteca para escolherem um livro. O objetivo dessa dinâmica era pedir para eles lerem o livro de poucas páginas e depois dissessem se viram alguma palavra “errada”? A resposta foi a óbvia, responderam que não, todas estão corretas, visto que nos foi ensinado que tudo aquilo que aparece nos livros está certo, a partir disso, se explicou sobre as variações linguísticas, mostrando-os que existem muitas expressões da fala e que elas são diferentes, mas não erradas. Também se fez a exposição breve sobre a língua padrão, pois o tempo era limitado, pois havia continuação da aula. Enfim, nossa roda de conversa foi muito interessante e verificou-se o quão esse tema é desconhecido e que felicidade foi poder levá-lo até nossas crianças. Com certeza um aprendizado e uma experiência rica para a pesquisadora.

Por fim, utilizamos a *Entrevista*, entendida por Lakatos (1992, p.107) como “uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária”. Em outras palavras, Lakatos (2010, p.195) explica que:

É um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante a uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.

A entrevista foi realizada com a professora de Língua Portuguesa da turma do 3º ano, após ter sido concluída o período de observação e termos feito a roda de conversa. Para a realização da entrevista com a professora, utilizou-se um aparelho celular para gravar os áudios, cujas perguntas foram as seguintes:

1. Qual sua visão em relação ao preconceito linguístico e as variações linguísticas?
2. Qual sua opinião sobre o assunto abordado?

3. *Você pretende abordar mais sobre esse tema em sala de aula?*

4. *Você já sofreu preconceito linguístico?*

5. *Na escola durante o ano letivo, ocorre algum trabalho que mostre para todos os educandos, funcionários a respeito desse tema?*

Antes de apresentarmos os resultados das análises do *corpus* de estudo coletado, vamos apresentar o referencial teórico que embasa as análises.

A SOCIOLINGUÍSTICA E O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA

Variação Linguística e Norma Padrão

É importante compreender a língua desde um ponto de vista sociolinguístico como algo que não pode ser separado dos seus falantes. Não é por ser a língua um organismo vivo (que não é um organismo, é uma tecnologia que queremos chamar assim criada pela humanidade) que a língua muda e varia, é porque os seus falantes vivem em contextos diferentes, em culturas diferentes, têm também referentes sociais e culturais diferentes, e é por isto que precisam de expressões, léxico etc., para fazer referência a esses lugares que habitam e por essa razão está em constante mudança e sujeita a alterações. Essas mudanças acontecem de maneira espontânea em qualquer língua natural e surge da necessidade de comunicação do indivíduo, ou seja, surgem as variações linguísticas, um fenômeno que ocorre naturalmente, mesmo que um país haja uma língua oficial, ela pode sofrer variações feitas pelos próprios falantes.

Diante dessa afirmação, podemos compreender que a língua, não é algo imutável, homogênea que permanece a mesma o tempo todo, pelo contrário, a língua é um organismo vivo e assim como todo organismo vivo está em constante mutação. Por esta razão é tão importante compreendermos essas mudanças, essas variações linguísticas, pois além de enriquecer o conhecimento acerca da língua que falamos e todo seu funcionamento, evita-se um outro problema social que vem crescendo no decorrer dos anos, o chamado preconceito linguístico.

Há dois níveis da fala: o nível de formalidade e o de informalidade. O padrão formal está diretamente ligado à linguagem escrita, restringindo-se às normas gramaticais de um modo geral. Razão pela qual nunca escrevemos da mesma maneira que falamos. Este fator foi determinante para que a mesma pudesse exercer total soberania sobre as demais. Quanto ao nível informal, este, por sua vez, representa o estilo considerado “de menor prestígio”, e isto tem gerado controvérsias entre os estudos da língua, uma vez que para a sociedade, aquela pessoa que fala ou escreve de maneira errônea é considerada “inculta”, tornando-se desta forma um estigma. Compondo o quadro do padrão informal da linguagem, estão as chamadas variedades linguísticas, as quais representam as variações de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas em que é utilizada. Portanto para as concepções sociolinguísticas, a língua está em constante instabilidade, cujas mudanças estão ligadas a diversos fatores como: regionais, históricos e socioculturais entre outros. Assim, a variação linguística está diretamente ligada com a heterogeneidade da língua, ou seja, às mudanças, as transformações que ocorrem na língua, conforme desta Bagno (2007, p. 37): “A língua que falamos, não importando a sociedade a que pertencemos, a época, e o lugar, será sempre heterogênea, diversificada, a instável, sujeita a transformações. Seria estranho se nossa língua permanecesse estável”.

De acordo com Bagno (2004), a norma padrão é a norma que os gramáticos tentam impor como modelo ideal de língua, sendo assim, a norma padrão é a norma escolhida como única

correta para o país inteiro, ou seja, as demais variações linguísticas existentes no nosso próprio sistema linguístico não são levadas em consideração. Segundo Castilho (1988, *apud* TRAVAGLIA, 1996, p. 63), “a norma culta (cultura, da classe de prestígio) constitui o português correto; tudo que foge à norma representa um erro”.

As instituições de ensino, muitas vezes, focam todos seus esforços em ensinar tão somente a variação padrão da língua, sem nenhuma reflexão sobre as variantes do português. Elas, por atenderem a muitos alunos falantes do Português Não-Padrão, deviam mostrar a esses estudantes as variedades linguísticas existentes em nosso país e, assim, relacioná-las com a norma culta, para que estes entendam as diferenças e, assim, respeitem os indivíduos que possuem uma cultura diferenciada. A seguir passaremos a discutir mais um viés deste tema: o preconceito linguístico no âmbito escolar.

O Preconceito Linguístico no Âmbito Escolar

O papel da escola diante da sociedade é mostrar a importância de cada língua na comunicação social e não pode impor a língua padrão como certa e colocar as variedades linguísticas como erradas, assim sendo, para que haja uma mudança linguística, é necessária a interferência de fatores sociais. A variação linguística está presente em todas as línguas num dado momento, dessa forma, estudar a variação linguística, na perspectiva de analisar a mudança, favorece a ruptura com o preconceito linguístico, o qual é puramente alimentado pelas forças da gramática normativa.

Segundo Bagno (1999), existe no Brasil os mitos que sustentam o preconceito linguístico, um desses mitos é o de que “o português é muito difícil”, logo se entende que os falantes das variedades linguísticas não aprenderam o “português” e que somente as classes sócias mais privilegiadas terão acesso a ele. Esse preconceito se manifesta de várias formas, quase sempre causa juízo, pois sustentam o menosprezo à forma de falar de um grupo de falantes sem que se faça qualquer análise das razões do porquê eles falam daquela maneira.

É fato que o ensino da gramática é importante, no entanto, não é a única forma a ser seguida. Como afirma Brito (2010), a escola visa muito a leitura e a escrita de acordo com os gêneros de maior prestígio, ou seja, isso significa que fora da escola, ou da sala de aula, tudo é ignorado. Sobre isto Bagno (1999) afirma que existe um mito:

De que existe uma forma “correta” de falar, o de que a fala de uma região é melhor do que a de outras, o de que a fala “correta” é que se aproxima da escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é muito difícil, o de que é preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado (BAGNO,1999, p.74-75).

Na escola há um círculo vicioso que ajuda a propagar o preconceito linguístico, ou seja, temos a gramática normativa, os métodos tradicionais e os livros didáticos.

Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português” (Idem, *Ibid*, p.39).

As normas gramaticais são boas e totalmente válidas, pois é necessário a existência de uma norma escrita para uma padronização da língua, porém, essa padronização não significa necessariamente tomar a língua como algo morto, estático, pois são os seres humanos que a utilizam no dia a dia, e estes estão em constante mudanças, logo a língua se modifica com eles.

Dentre a gramática convencionalmente temos: prescritiva e descritiva. Bagno (2003) aponta, criteriosamente, a diferença entre elas, ou seja, a gramática normativa é aquela

tradicional que possui as suas regras baseada na literatura clássica, que não admite nenhuma forma de constatação, que adota o mito da homogeneidade linguística, que separa claramente a fala da forma escrita, ou seja, se o ensino na escola seguir, criteriosamente, essa concepção gramatical estará contribuindo para o preconceito linguístico e fundamentando o preconceito linguístico, uma vez que essa esta apresenta princípios antigos que não condizem com a nossa realidade. Já a gramática descritiva considera um falante culto aquele indivíduo que possui ensino superior, ou seja, esta se baseia em termos técnicos, hipóteses e teorias.

Quando o professor escolhe por não considerar as variações linguísticas em sala de aula, as consequências negativas surgem na aprendizagem da língua materna. As aulas passam a ser vinculadas somente a gramática normativa, seguindo os conceitos de “certo ou “errado” e o conteúdo trabalhado é baseado no que deve ou não ser aceito na linguagem. Ao manter essa postura o docente deixa de ensinar a Língua Portuguesa e passa a impor o ensino de uma norma que não corresponde com a realidade vivida pelo aluno.

A língua sempre irá mudar no decorrer dos anos, enquanto a gramática é um meio utilizado para tentar descrevê-la, ou seja, ocorre a chamada variação diacrônica que nada mais é do que a mudança da língua através dos tempos. Ela é uma mudança linguística histórica pelas quais qualquer língua passa no decorrer do tempo, e a gramática sempre será a mesma para escrever as palavras que a língua cria, por exemplo: antigamente era comum usar o pronome “vosmecê”, hoje esse termo foi substituído pelo pronome “você”. Esse termo era usado no português arcaico dentro da variação da nossa língua portuguesa, e há diversas palavras que eram utilizadas no português arcaico que atualmente não se usa mais, pois a língua falada é extremamente dinâmica.

O uso de Estratégias Pedagógicas Frente ao Preconceito Linguístico

Serão realizadas reflexões embasadas em teóricos como Carneiro (2014) e Ponciano (2014), pois o objetivo deste tópico é desenvolver uma reflexão sobre o uso de estratégias pedagógicas de ensino que visem a desenvolver as habilidades por meio dos recursos linguísticos em situações comunicativas específicas dos alunos.

Em termos Freirianos, quando a educação prioriza o excesso de informação, “não há criatividade, não há transformação, não há saber”, desta maneira deixa de ter caráter de possibilidades emancipatórias e torna-se apenas um acumulado por professores e educandos, sem nenhum proveito para ambos, pois no “lugar de ‘comunicar-se’, o educador faz ‘comunicados’, ou seja, os alunos recebem pacientemente, memorizam e repetem, eis aí a concepção ‘bancária’ da educação” (FREIRE, P.37).

Algumas estratégias simples, mais com eficácia, podem ser adotadas dentro da escola para que haja uma maior visibilidade do assunto, como por exemplo: abordar o tema nas aulas, a partir de atividades específicas, e seria muito interessante criar debates, rodas de conversa, estimular a produção de textos sobre o preconceito linguístico. Proporcionar aos professores oficinas, palestras, aulas para que se socializem com a temática e, assim, aprofundar e melhorar seus conhecimentos a respeito da linguagem e da sociologia. Apresentar produções artísticas que mostrem as diferenças regionais, promover atividades para enfrentamento dos preconceitos. Muitas são as formas de se combater os preconceitos, mas, para isso, é necessário não somente falar, mas principalmente agir, colocar em prática para ser compreendido e respeitado. Para isso, o professor de língua materna, seja dos anos iniciais, seja dos finais do ano fundamental, necessita aprofundar seus conhecimentos sobre os preceitos

defendidos pelo que, atualmente, tem se denominado Pedagogia da Variação, que seria uma forma de pensar como aplicar o conhecimento da Sociolinguística em sala de aula.

A fala que se entende como objeto de comunicação entre as pessoas, tornou-se objeto de separação, discriminação, e talvez de classificação de indivíduos. As marcas culturais de cada falante não o limitam de interagir com o outro de cultura diferente ou região. Desse modo a escola terá uma importante tarefa, como mediadora de culturas, e trazendo para estes falantes uma troca de informações. Porém a prática pedagógica ainda julga a língua materna, trazida pelo aluno, errada, mostrando que a norma padrão está distante da norma não padrão, o respeito a cada cultura traria a aproximação do aluno com a escola. A tarefa educativa da escola, em relação à língua materna, é justamente criar condições para que o educando desenvolva sua competência comunicativa e possa usar, com segurança, os recursos comunicativos que forem necessários para desempenhar-se bem em contextos sociais em que interagem (BORTONI-RICARDO.p.78,2004).

As diferenças linguísticas existem. Entretanto, não podem ser consideradas como “erros” da língua. É preciso que a escola, tanto quanto se preocupa em combater outros preconceitos, também tome para si a responsabilidade de combater o preconceito linguístico. Todos os alunos, que se expressem em conformidade com a norma culta ou não, devem ser respeitados em sua identidade linguística. Mas isso não significa que a escola não deva se esforçar para que eles aprendam a norma de prestígio da língua, porém, isso não significa obrigar os alunos a deixarem de utilizar suas variedades linguísticas para que possam escolher com mais segurança que variedade usar a depender do contexto em que está inserido.

Esta é uma orientação da BNCC, especificamente da competência 4 da BNCC, que é voltada, explicitamente, para a necessidade de entender a variação como algo natural da língua, ou seja, deve-se ter respeito a todas as variedades linguísticas e destruir qualquer tipo de preconceito, porém, a realidade não condiz com tal documento, pois o que se vê dentro de sala de aula sendo repassado para os estudantes é que a norma padrão é a única forma correta de se falar a língua, e tudo que está fora da norma é errado.

A BNCC também trata sobre a variação na habilidade EF35LP11, que consiste em ouvir gravações, canções, textos falados em variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes.

Tal orientação responde a atitudes preconceituosas em relação aos dialetos utilizados por estudantes, em idade escolar, pertencentes às camadas mais pobres da sociedade. Atitudes essas muitas das vezes reafirmadas pela própria escola em suas práticas docentes. Tal problemática pode causar fatores negativos, como por exemplo: gerar problema de autoestima nos discentes enquanto falantes, repetência ou evasão escolar. A língua constitui identidade sociocultural de qualquer grupo/comunidade de fala.

PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO CONTEXTO ESCOLAR: OPINIÕES E AÇÕES PARA COMBATÊ-LO.

Análise dos dados da entrevista

A seguir passaremos a discutir as respostas à entrevista, bem como a apresentar os dados tanto da observação quanto da roda de conversa para serem analisados a luz dos teóricos da sociolinguística: Carvalho (2000) e Marcos Bagno (2002, 2005 e 2013).

Para a realização dessa pesquisa, acompanhou-se um grupo seletivo de alunos e a professora de Língua Portuguesa, ambos da mesma instituição de ensino no município de Parintins. Com o intuito de observar como o preconceito linguístico é abordado em sala de aula e qual a percepção que a educadora e os estudantes possuem do assunto. Foi proposto como meio de obter os dados da pesquisa roda de conversa, entrevista e observação a campo.

Entrevistamos a professora de Língua Portuguesa, após o término da aula. No primeiro momento, a entrevistada e a pesquisadora conversaram sobre o assunto abordado “preconceito linguístico e variação linguística”, visto que, ao observar as aulas, não foi em nenhum momento exposto ou citado o assunto pela professora. A seguir apresentamos as perguntas feitas e as respostas da educadora:

Pesquisadora: Qual sua visão em relação ao preconceito linguístico e às variações linguísticas?

Professora: *Já leciono como professora há mais de 20 anos, e ainda não tinha parado pra pensar nesse assunto e agora percebo que, eu mesma, cometo, mesmo sem querer, o preconceito linguístico quando corrijo alguém dizendo que falou certa palavra errada, quando, na verdade, fez uso de uma variação linguística. Eu falo também as variações linguísticas no cotidiano, visto que também possuo língua materna e acredito que ninguém conseguiu ficar 24 horas pronunciando somente palavras técnicas, ou seja, falando apenas a norma padrão.*

Pesquisadora: Qual sua opinião sobre o assunto abordado?

Professora: *Com a roda de conversa que você fez com a turma, os questionamentos, as falas que você trouxe com embasamento teórico dos autores, pude perceber que eu não pensava no assunto, mas depois de todo esse processo da sua pesquisa, vejo como um assunto que precisa ser mais conhecido, mas falado, principalmente nas instituições de ensino, pois esse preconceito também machuca as pessoas.*

Pesquisadora: Você pretende abordar mais sobre esse tema em sala de aula?

Professora: *Sim, pois acredito assim como você, que para não haver mais qualquer tipo de preconceito devemos fazer as desconstruções dos fatores que geram preconceito desde cedo, pois assim as crianças já crescem tendo consciência, haja visto, que ninguém nasce preconceituoso, as pessoas se tornam.*

Pesquisadora: Você já sofreu preconceito linguístico?

Professora: *No meu tempo de estudo na escola, não era algo que tinha relevância, na verdade acredito que não era visto como preconceito, se sofri não me recordo, eram tempos diferentes e hoje sou professora e então se falo “errado” ninguém me corrige, porque eu sou a docente (risos).*

Pesquisadora: Na escola durante o ano letivo, ocorre algum trabalho que mostre para todos os educandos, funcionários a respeito desse tema?

Professora: *Aqui na escola não tem nada durante todo o ano que fale a respeito desse assunto, deveria, mas infelizmente não há.*

Durante a realização da entrevista, foi possível observar que a professora fez uso, em grande parte do diálogo, da norma culta da língua portuguesa, a norma padrão, porém, este uso ainda não faz parte da realidade de muitos alunos, por isso ressaltou a importância de obter estratégias frente ao preconceito linguístico. Ela também falou que os professores mais antigos não estão familiarizados como o tema em questão, o que é uma barreira para abordarem tal assunto se eles o desconhecem.

Os dados da entrevista mostram que realmente os professores precisam aprimorar seus conhecimentos em sociolinguística, visto que a qualquer momento algum aluno pode se sentir

acuado devido a usar língua materna. Por isso é importante pensar: como esse docente irá resolver a situação? Dependendo do educador, pode até piorar a situação colocando o estudante numa situação constrangedora e traumática, assim sendo, é primordial que o docente se socialize com o assunto em pauta. Segundo Bagno (2003, p.149), “ninguém comete erros ao falar sua própria língua. Só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento, prática e memorização”.

Para obter um resultado mais amplo e concreto, foi necessário que houvesse uma roda de conversa com os alunos e a professora, a fim de observar, refletir e apresentar conceitos, exemplos e citar autores que falam sobre preconceito linguístico e, assim, verificar como esse fenômeno está sendo abordado em sala de aula e ouvir opiniões de ambos os selecionados para a pesquisa.

Análise dos dados da roda de conversa

O primeiro momento da roda de conversa ocorreu após o recreio, quando pegamos nossas cadeiras e formamos um círculo para melhor visualizar todos e, então, conversamos à vontade para dar suas opiniões. A pesquisadora começou se apresentando novamente e falando sobre sua pesquisa. Após a exposição do tema, a pesquisadora fez algumas perguntas somente para os educandos. “Agora que já conversei com vocês sobre o Preconceito Linguístico e as Variações Linguísticas, vou fazê-los algumas perguntas e, para isso, vou precisar que respondam às perguntas, colocando os braços para cima como sinal de SIM e braços abaixados como sinal de NÃO e permaneçam assim por um tempo para que haja uma conferência dos SIM e dos NÃO. Em outro momento, a pesquisadora fez uma dinâmica com alunos, durante a qual os levou para a biblioteca para que os alunos pudessem ler os livros de historinhas para observarem a escrita usada nesses livros, com o objetivo de lhes mostrar que os livros são escritos de acordo com a norma padrão e nunca tem variações linguísticas nos textos, mas que essas falas diferentes são ricas e importantes. A seguir destaco uma tabela com as perguntas e os dados coletados a campo:

Quadro 1 – Respostas dos entrevistados

PERGUNTAS	SIM	NÃO
Você já ouviu falar sobre preconceito linguístico?	2	21
Na escola é falado sobre esse tema?	0	23
Você lembra se já sofreu preconceito linguístico?	8	15
É importante esse assunto?	23	0
A professora conversa com vocês sobre preconceito linguístico?	0	23

Fonte: elaborado pelas autoras

Ao analisar-se o resultado da pesquisa, podemos fazer as seguintes considerações:

- 1- A maioria dos alunos não sabe o que é o preconceito linguístico, nunca ouviu falar do assunto;
- 2- A professora não coloca o tema dentro da sala de aula para ser debatido ou apenas para situar seus educandos sobre a temática em questão;
- 3- Todos sabem da importância do assunto apesar de não estarem familiarizados com o tema;
- 4- Como o esperado, a escola não tem nenhuma data, estratégia ou apenas lembretes que falem do assunto.

Vivemos em uma sociedade extremamente preconceituosa e desigual, o preconceito linguístico é um dos principais meios de discriminação dentro da sociedade em que estamos inseridos, como afirma Bagno (2007, p.76): Mas os preconceitos, como bem sabemos, impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo.

Análise da observação em campo

Pode-se então afirmar que o objetivo de uma pesquisa de campo é entender a diferença entre um indivíduo e outro, a partir da análise da interação entre as pessoas de um grupo ou comunidade, extraindo dados diretamente por meio da realidade dos indivíduos (GIL,2022).

Por fim, chegamos à observação em campo, na qual foi realizada durante 3 aulas da disciplina de Língua Portuguesa, quantidade suficiente para constatar traços de oralidades dos pesquisados.

O primeiro dia de observação é sempre o mais esperado, a imaginação aflora e parece que tudo vai acontecer de imediato, porém, não é assim. Ao adentrar na sala, a pesquisadora ficou no fundo da sala, observando tudo e todos, mas na primeira observação não houve nenhum momento que chamasse atenção em relação à pesquisa. No segundo e no terceiro dia de observação a campo, a pesquisadora mudou sua estratégia de observação, invés de ficar sentada observando, ela com a permissão da professora foi ajudar nas atividades dos estudantes, então se deparou com algumas falas diferenciadas. Abaixo destacarei o que foi observado nas falas dos alunos:

Fala 1- Sai daí moleque doido.

Fala 2- Moscô essa daí.

Fala 3- Égua eu fui lá fora tomar água.

Fala 4- Professora senhora viu como eu escrevo ligeiro? Já até terminei.

Fala 5- Sai menina abelhuda.

Fala 6- O que vai ser o rango na merenda professora?

Fala 7- Oxi tu tá é ficando lelé da cuca curumim.

Com base nas observações a campo é possível identificar que realmente os educandos não estão situados do tema em questão e que a docente não aborda o assunto pesquisado em sala de aula e que os alunos usam variações linguísticas, porém, á desconhecem.

Quando as crianças vão para a escola tem um conflito de línguas, pois o idioma que aprenderam de seus pais destoa do da escola. Esse conflito foi, de certa forma, descrito por Carlos Drummond de Andrade (*Poesia Completa*, 2002, p.10890) no poema *Aula de Português*:

A linguagem
na ponta da língua,
tão difícil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada das letras,
sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
E vai desmatando

o Amazonas da minha ignorância.
Figuras de gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,
em pedia pra ir lá fora
em que levava e dava ponta pé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

O português são dois; o outro, mistério.

O poema retrata os conflitos, digamos, linguísticos que passam as crianças das zonas rurais e periferias dos centros urbanos, pois é-lhes mostrados uma língua desconhecida, e a língua que aprenderam com seus pais e demais familiares entra em choque com a língua que a escola lhes apresenta, ou seja, o seu modo de falar é colocado como um erro, a família ensinou-lhes de forma errada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dessa pesquisa, percebeu-se que o professor (a) de Língua Portuguesa e a escola não estão levando em conta as diversidades e continuam a levar métodos tradicionais, usados na época em que a escola era somente para quem detinha poder econômico e social. Diante dessas considerações, podemos afirmar que deve haver uma grande mudança na educação e principalmente no ensino de língua materna. Educadores devem trabalhar a gramática de modo contextualizado, utilizando-se de textos diversos, elaborando análises, ensinando a aluno a ter inferências, estimulando-o a pensar não só sobre sua realidade, mas também sobre a realidade do outro. A ideia de que existe apenas uma forma correta de falar o português, pregada pela elite, a qual faz uso da norma padrão da língua, faz os demais serem excluídos, marginalizados e considerados inferiores e isso é uma prática que pode ser observada em todas as instâncias sociais.

O preconceito que essas pessoas sofrem é totalmente decorrente da intolerância de pessoas que não aceitam, ou até mesmo não possuem o conhecimento aprofundado em relação a diversidade cultural que o Brasil possui, haja vista que é em decorrência dessa pluralidade que se intensifica a vasta variedade linguística do país.

Nota-se com a entrevista realizada no processo de coleta de dados que o processo de estudo da língua se modifica com o tempo e a partir disso há uma valorização maior àquelas formas que eram do passado, pois apesar de se iniciar uma nova forma de pensamento em relação ao português não padrão, ainda se vê uma postura homogênea em relação à língua por parte dos educadores de língua portuguesa. Precisamos entender que os falantes do português que se valem de formas linguísticas que não estão nas gramáticas, possuem riquezas linguísticas e de que estas devem ser respeitadas.

Ao realizar a roda de conversa com os alunos e a professora, nos fez refletir que o preconceito linguístico está presente na nossa realidade e que necessitamos aos poucos transformar o pensamento daqueles que acham que a língua não é heterogênea e de que a única forma correta de a utilizar é seguindo as normas prescritas na gramática. Há muito a ser feito por parte da escola e principalmente dos educadores de língua portuguesa, pois nessa luta

contra o preconceito linguístico, a escola e os docentes são os pilares para que esse preconceito seja conhecido, exposto, debatido, refletido e quem sabe um dia, abolido. Assim, sendo, ao fazer a observação a campo, nota-se que ainda falta muito para que a escola e os professores passem a falar e conhecer mais a fundo o preconceito linguístico. Se faz necessário profissionais que entendem as várias formas de uso da língua portuguesa para atuarem de forma positiva no desenvolvimento crítico e reflexivo dos sujeitos que fazem parte do seu cotidiano. Algo que me chamou atenção durante a entrevista com a docente, foi o fato de que por ela ser uma professora as pessoas não a corrigem, pois ela detém poder por ser educadora, e isso me lembrou uma frase de Scherre que diz assim: “Atacar a fala de alguém é, antes de tudo, um ataque a própria pessoa, ao que ela é e representa na sociedade”.

Conclui-se, portanto, que os professores dos anos iniciais de língua portuguesa não trazem em nenhum momento o tema em questão para ser discutido, falado e conhecido em sala de aula, portanto, os alunos desconhecem esse preconceito. Observou-se também que, por meio de simples estratégias, como a realizada na roda de conversa por uma pesquisadora, pode-se mudar a realidade em que vivemos para melhor. É extremamente importante que se compreenda que não há apenas uma maneira certa de falar a língua, mas que todo grupo social tem sua maneira própria de trabalhar a língua e que se há compreensão então há comunicação, portanto, é válida. Essa pesquisa mostrou que o ensino-aprendizagem da língua portuguesa pouco mudou desde os anos escolares de uma das pesquisadoras até o presente momento, porém, um dia será possível começarmos a pensar quem sabe de abolimos esse mal chamado Preconceito Linguístico, que tanto contribui para o crescimento da desigualdade social.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de (org). **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: O que é. E como se faz?** 49. ed. São Paulo: Editora Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia de variação linguística**. Parábola: São Paulo, 2002.
- BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico - o que é, como se faz**. 40ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como faz**. 55.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

BAGNO, Marcos; RANGEL, Egon de Oliveira. Tarefas da educação linguística no Brasil. **Rev. Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 5, n. 1, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua Materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: **MEC**, 2017

BRITO, José A. M. **As práticas de letramento no contexto da EJA**. (Dissertação de Mestrado). Manaus: UFAM/PPGE, 2010.

CARNEIRO, Vera Lúcia G. Diversidade linguística: variação linguística e prática pedagógica. **ENTRELETRAS**, Araguaína/TO, v. 5, n. 2, p. 102-111, ago./dez. 2014.

CARVALHO (ORG.), Maria Cecília M. de. **Construindo o saber: Metodologia científica Fundamentos e técnicas**. 9.ed. São Paulo: Papyrus, 2000.

FREIRE, Paulo, *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 1987

GIL, A.C, *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas. 2022.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciência sociais. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicação e trabalhos científicos. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1992.

MARIANI, Berthania. **Colonização Linguística**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PONCIANO, Silmara Aparecida. Valorização e resgate das variedades linguísticas em alunos oriundos da zona rural do município de Tomazina. 2014. **Monografia de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino**, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014. 42f.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1996.